



Luisa Bérard

NAS MONTANHAS DO MARROCOS

*Da Inglaterra vitoriana às míticas areias do Saara,
um romance sobre amor e liberdade.*



NAS MONTANHAS
DO MARROCOS

Luisa Bérard

NAS MONTANHAS DO MARROCOS

*Da Inglaterra vitoriana às míticas areias do Saara,
um romance sobre amor e liberdade.*



© 2015 by Luisa Béard
© 2018 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Béard, Luisa
Nas montanhas do Marrocos / Luisa Béard. -- Ribeirão Preto, SP : Novo
Conceito Editora, 2018.

ISBN 978-85-8163-878-2

1. Ficção brasileira I. Título.

18-19945 CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

*À minha adorada irmã Teresa Cristina,
companheira de todas as horas; capaz de
despertar sonhos adormecidos, transformando-os
numa pulsante e desejada realidade.*

P R Ó L O G O

Marrocos, cidade imperial de Fez, 1829.

Se o príncipe Taufik el-Mansour Saadi pudesse antecipar sua vida futura e confrontá-la em retrospectiva, indiscutivelmente aqueles poucos dias poderiam ser comparados a uma pedra arremessada num lago, espriando seus reflexos indefinidamente sobre a vida de todos que cruzassem seu promissor caminho. Era uma espécie de divisor invisível de uma existência, onde se podia visualizar uma linha demarcatória claramente estabelecida entre o antes e o depois, cujos efeitos seriam sentidos por décadas.

Indiferente aos desdobramentos e suas repercussões vindouras, a mente infatigável do príncipe Taufik apenas vibrava naquele fugaz e intangível instante com a perspectiva de se aproximar da poderosa e tradicional família de Kamal ben Allah. Em diversas situações, tentara estreitar suas relações políticas e sociais, sem alcançar o êxito esperado. Desta vez, jogaria todas as suas fichas. E, para concretizar seu objetivo, não economizara esforços, a ponto de viajar de Marrakech alguns dias antes para aguardar em Fez o início das festividades pelo nascimento do primeiro filho da segunda esposa de Kamal. Era uma feliz coincidência do destino sua esposa Sahar conhecê-la desde a infância e ter sido convidada para presenciar o parto.

Como no Marrocos os festejos em comemoração ao nascimento de uma criança duravam sete dias, teria muitas chances de encontrá-lo. Isto

porque somente após esse tempo se supunha que a mulher tivesse restaurado as forças do parto. A casa ficava cheia de conhecidos. Era uma grande celebração à vida e excelente cenário para rever amigos e estabelecer novos contatos. Segundo a experiência de Taufik, nos momentos felizes as pessoas eram habitualmente mais receptivas às novidades e as energias fluíam naturalmente, driblando posturas reticentes e reservadas, como as que até então tivera de enfrentar.

Ao receber o recado de Sahar de que nascera uma menina, Taufik ficou momentaneamente apreensivo. No mundo islâmico, os pais tinham uma predileção natural por filhos do sexo masculino. Ficavam mais alegres com esse fato. Somente no trajeto para a residência de Kamal, concluíra que o nascimento de Amira tinha sido um evento maravilhosamente conveniente aos seus planos. Tudo conspirava a seu favor, refletiu Taufik, satisfeito, enquanto a sua montaria galgava o terreno desértico da estrada a passos largos.

O glamoroso palacete ficava fora da medina de Fez. Seus lindos e bem aparados jardins exalavam um aprazível aroma floral. Um admirável lago embelezava a propriedade. No interior do palácio, requintados revestimentos de estuque e soberbos mosaicos geométricos cobriam as paredes. Os *zellij*, como eram designados estes entrelaçados trabalhos em cerâmica esmaltada colorida, pareciam imagens congeladas de um caleidoscópio. Lamparinas de cobre com artísticos rendilhados e detalhes em vidro incolor derramavam feixes difusos de luz no ambiente. As janelas e as portas assemelhavam-se a painéis de madeira esculpido em suaves e delicados relevos. Dinheiro e riqueza transpareciam em cada minúcia da decoração, reverberando a supremacia dos que ali viviam.

Um servo abriu a porta, anunciando em sequência a sua presença. Em questão de segundos, o anfitrião aproximou-se sorridente, com passadas firmes e confiantes, características de quem domina os mínimos detalhes de sua vida. Trajava uma túnica branca de elaborado bordado, com frisos dourados.

— *Salamaleicom* — cumprimentou Taufik.

— *Ualeicom salaam* — retribuiu Kamal, efusivo. — Seja bem-vindo! Por favor, acompanhe-me. Embora não viva em Fez, estou seguro de que há diversos conhecidos seus entre os convidados. Sua influente rede de

contatos é um feito notório e igualmente invejado — falou, descontraído, conquanto tal façanha incomum o deixasse levemente desconfortável. Entretanto, a harmonia daquele instante fez Kamal colocar de lado a sua usual cautela. Na realidade, por ser um homem excessivamente religioso e arraigado aos preceitos e costumes do Islã, a postura ocidentalizada do príncipe Taufik inconscientemente o incomodava.

— Nada é comparável ao seu prestígio e influência — respondeu o príncipe Taufik com falsa modéstia. — É uma inenarrável honra partilhar desta ocasião inesquecível e especial da vida de um homem. Faço sinceros votos de ventura e de saúde para sua filha — felicitou, com simpatia. — Decididamente, os filhos são a continuidade da nossa existência.

Ao esquadrinhar as pessoas presentes, Taufik sentiu-se à vontade. Efetivamente, conhecia a maioria, o que lhe permitiu circular como se estivesse em sua própria festa. Seu aguçado senso de oportunidade dizia para externar o quanto era bem relacionado e adulado. Aquilo obviamente impressionaria seu anfitrião, aproximando-os. Como premeditado, Kamal integrou-se ao seu grupo, trocando ideias e impressões como se fossem amigos de longa data.

Discutiam com entusiasmo sobre os percalços e benefícios da era industrial, quando a recém-nascida foi apresentada ao pai. Kamal era o orgulho personificado. Como sua primeira esposa tivera cinco filhos homens, Amira foi afetuosamente recebida pela família justamente pelo fato de ser menina. Um brinde sugerido pelo príncipe Taufik fez ecoar aplausos e vivas no recinto.

— Certamente, será uma mulher de estonteante beleza — profetizou Taufik, ao contemplar o rosto incrivelmente delineado para um bebê com poucas horas de nascido.

— Disso eu não tenho a menor dúvida! A família da minha segunda esposa tem mulheres deslumbrantes — confidenciou Kamal, enquanto apreciava, embevecido, as feições do bebê em seus braços.

— Sortudo será o homem que a desposar... Seguramente, haverá muitos pretendentes interessados em ocupar o posto de marido! — expôs Taufik, com inegável espirituosidade. — Vou avisar aos meus filhos para se apressarem! Se eles demorarem demais, perderão a grande chance de suas vidas.

— Uma aliança entre nossas famílias seria gloriosa. Reuniria o que há de melhor no Marrocos — externou Kamal, parecendo sincero.

— Então, por que não a firmamos?! — sugeriu Taufik, maravilhado com a hipótese de serem parentes. Indiscutivelmente, seria o melhor dos mundos.

— *Inshallah!* Será o casamento mais comentado de todos os tempos! Provavelmente, nada rivalizará a sua grandiosidade.

— Será inesquecível. Pode apostar! — garantiu Taufik, envolvente, com a calculada intenção de agarrar a maior oportunidade da sua vida.

Aproveitando o calor das emoções, Taufik ergueu o copo de cristal com chá de menta, porque na casa de Kamal não se serviam bebidas alcoólicas em respeito ao Alcorão, verbalizando em alto e bom som:

— Ao casamento de nossos filhos! E ao início de uma duradoura e profícua amizade!

Uma salva de palmas reverberou pelo luxuoso recinto, seguida de incontáveis congratulações. Controlando a muito custo o frenesi interior, Taufik manteve-se num contentamento comedido. Somente quando estava sentado na confortável e espaçosa liteira com sua esposa, deixou a vibração extravasar.

— Ganhei! — disse, exultante, para Sahar.

Com os olhos verdes brilhantes de orgulho ante a maestria de sua estratégia, murmurou:

— Deu tudo certo. De hoje em diante, o céu será o único limite!

— Sempre tive convicção disso — asseverou Sahar, com admiração, tocando-lhe as mãos num inequívoco sinal de apoio. A adoração por Taufik nublava por completo seus conceitos morais, fazendo-a assentir sem pestanejar a todos os planos de seu amado marido.

— Agora... ninguém mais ouse se opor às minhas pretensões dentro do governo... — confabulou, imerso em ambiciosos devaneios, antevendo com um sarcástico sorriso nos lábios a drástica e impiedosa derrocada que infligiria a cada um de seus adversários. Enfim, seu esforço e dedicação teriam valido a pena.

Efetivamente, nada mais seria igual depois daquele dia. O poder já significativo do príncipe Taufik assumiu proporções lendárias, quebrando de forma acintosa todos os padrões até então vigentes.

PRIMEIRA PARTE

COM OLHAR SOMENTE MEU

C A P Í T U L O 1

Inglaterra, condado de Derbyshire, 1847.

A luminosidade do dia clareava o ambiente. Os tons azulados dos estofados das duas poltronas, próximas às altas janelas de esquadrias brancas do quarto, agora tinham uma cor vibrante. Os lençóis rendados e as colchas da aconchegante cama de dossel dourada, inclusive os matizes coloridos das flores, diligentemente organizadas num vaso de opalina sobre a cômoda encostada na parede, também estavam bem perceptíveis, em face do adiantado da hora. Não restava dúvida: eu estava terrivelmente atrasada!

Por mais que eu me empenhasse em ser pontual, o tempo sempre conspirava contra mim quando eu tinha algum compromisso marcado. Havia combinado com tia Margareth, sexta duquesa de Melbourne, de encontrá-la em seu escritório às nove da manhã. Para meu desespero, o relógio sobre a mesinha de cabeceira indicava oito horas e eu ainda lutava para colocar sozinha a roupa de montaria.

Resolvi prender meus longos e fartos cabelos negros, ligeiramente ondulados nas pontas, com uma simples fita de veludo preta no alto da cabeça. Hoje não daria tempo de Marianne prepará-los adequadamente. Sei que mamãe ficaria furiosa se me visse dessa forma desleixada, mas eu havia prometido a tia Margareth não me atrasar para o nosso encontro.

Desci os dois lances de escadas que separavam os quartos da ala social de Greenfield House, tomando cuidado para não fazer barulho. Qualquer

Nas montanhas do Marrocos

encontro desprezioso com Lydia Hartington, minha mãe e quinta condessa de Northwick, seria um desastre. O interrogatório estaria entremeado com veladas desconfianças sobre as minhas reiteradas visitas a tia Margareth, as quais entendia não ter utilidade prática para uma jovem de dezoito anos.

Para mamãe, o importante era me preocupar com os vestidos e as festas que frequentaríamos em Londres, no início da temporada de verão, além, é óbvio, de ampliar e refinar a arte da sedução para conquistar um marido com vasta fortuna e bem posicionado nas altas rodas londrinas. Preferencialmente, o escolhido deveria ser atraente e possuir um vistoso título de nobreza. Segundo mamãe, as conversas com tia Margareth não serviriam para nada disso, sendo um esforço infrutífero, pois a administração e condução dos negócios da família cabiam aos homens. Portanto, qualquer outro tipo de atividade ou interesse que fugisse ao convencional deveria ser repellido. Para alegria de mamãe, as minhas três irmãs seguiram à risca suas ideias, sendo a minha resistência motivo para longas e calorosas discussões sobre o universo feminino e seu papel na vida da sociedade moderna. O desgaste provocado por esse tipo de diálogo era enorme, resultando em frustração para ambas, porque nenhuma das duas aceitava ceder o mínimo que fosse nas suas convicções.

Esgueirando-me atentamente pelos corredores, alcancei os jardins, mal acreditando na sorte de atravessar os cômodos da casa sem ser interceptada por ninguém. Virei à direita, contornando a extensa cerca viva de buxos e amores-perfeitos, onde os estábulos ficavam localizados. Fui à procura de Raio Dourado, um belo alazão ruano, com pelagem creme clara, que corria velozmente pelos aprazíveis campos do condado de Derbyshire. Ao pisar nos estábulos, escutei a voz grave e arrastada do velho Jonathan Smith, o chefe dos cavaleiros, havia anos incumbido de cuidar do plantel de Greenfield House. Seu rosto enrugado pelo sol e sorriso amistoso transmitiam simplicidade e satisfação. Quando me viu aproximar, interrompeu a animada e risonha conversa com o comerciante Tyler Montgomery, que trazia na bagagem as provisões encomendadas por Kenneth Dodgson, o intendente da residência, e as mais recentes notícias de Londres.

— Bom dia, lady Katherine! Por acaso pretende cavalgar em Raio Dourado? — indagou Smith, erguendo a sobranceira com incredulidade.

E emendou, sem me dar chance de responder:

— Preciso alertá-la de que não é uma boa ideia. Hoje ele amanheceu com um humor dos infernos! Imagine que, logo cedo, mordeu o coitado do Ted Leviston, quando o pobre infeliz foi limpar sua baia! — narrou, com indisfarçada implicância na voz, gesticulando dramaticamente.

— Smith, deixe de repreender Raio Dourado. Não é segredo para ninguém que esse animal não simpatiza com o Ted. Mesmo assim, você insiste nessa situação absurda, colocando-os sempre um defronte ao outro — retruquei, sem me alterar.

Para tranquilizá-lo e colocar um ponto-final no assunto, prossegui:

— Não se exaspere. Pode selar Raio Dourado. Garanto que nenhum mal advirá por isso; pode ficar sossegado.

— Se esta é a vontade de milady... — declarou, carrancudo. — Depois não diga que eu não avisei. Esse animal é imprevisível! — disse, afastando-se em direção ao cercado onde estava o alazão.

Preocupada com a hora, expliquei, educadamente:

— Estou muito atrasada... — Seguindo seus passos como uma sombra, continuei: — Necessito estar em Fairmont em trinta minutos!

— Por mais rápido que seja Raio Dourado, não há possibilidade de milady percorrer o trajeto até Fairmont nesse diminuto espaço de tempo — replicou, franzindo o cenho.

— Assim eu fico mais aflita do que já estou! — reclamei, impaciente, caminhando para um pequeno banco de madeira, onde aguardaria a finalização do trabalho de selar a montaria.

— Lorde Northwick não ficará nada satisfeito em saber que passeia por estes campos em cavalgadas arriscadas. Quanta pressa! Mais parece que o mundo vai se acabar hoje! — resmungou um irritadiço Jonathan Smith, enquanto prendia os arreios e ajustava os estribos. Minutos depois o chefe dos cavaleiros retornava puxando Raio Dourado resignadamente pelas rédeas.

O porte altivo e o vigor daquele animal impressionavam. George Hartington, meu pai e quinto conde de Northwick, não tivera alternativa senão comprá-lo quando o descobri numa exposição de animais em Edimburgo, onde ficamos parte do mês de agosto e setembro do ano passado com toda a família, em razão do início da temporada de caça na Escócia.

Nas montanhas do Marrocos

Se há uma coisa a que papai não resiste são os pedidos lacrimosos de suas filhas e esposa. De qualquer modo, não tenho o menor resquício de remorso por ter insistido. Raio Dourado foi uma formidável aquisição, e dará potros de excelente qualidade brevemente. O tempo mostrará o quanto foi um promissor negócio para a nossa família.

Escolhi pegar uma íngreme subida de onde podia avistar ao longe as campinas e pastagens verdejantes de Greenfield House, circundadas por um denso bosque de sicômoros e rododendros. O chilrear dos pássaros e o cheiro da terra recém-despertada brotavam em todas as direções, sendo naturalmente absorvidos pelos sentidos. Esta bucólica paisagem era capaz de restaurar minha paz de espírito. Contemplar a terra onde por séculos viveram meus ancestrais tinha o extraordinário dom de renovar minhas forças. A sensação interior era a de, independentemente dos acontecimentos, ali sempre poderia voltar, refugiando-me das intempéries da vida.

Acelerei a passada de Raio Dourado. Quem sabe assim eu não atenuaria meu atraso, imprimindo maior agilidade na cavalgada. Enfim, depois de atravessar colinas e estradas empoeiradas e transpor um pequeno riacho que servia de divisa entre as propriedades dos Cavendish e as terras do ducado de Melbourne, alcancei os trabalhados e grandiosos portões de ferro fundido de Fairmont.



O imponente palacete de Fairmont era uma obra de arte barroca. Mesmo frequentando-o usualmente, a perfeição e a majestade do lugar sempre me encantavam. A construção de tons bege era significativamente maior do que Greenfield House, com suntuosos salões de baile e de música, diversas salas de estar e de visitas ricamente decoradas, dois espaçosos ambientes para refeições, uma biblioteca esplêndida, uma linda capela, um sóbrio escritório, vinte e cinco quartos, sem mencionar a área de serviço, com duas copas, cozinha principal, salas de empregados, salas de estar privativas do intendente, da governanta e da cozinheira, despensa e uma infinidade de outros cômodos indispensáveis ao seu adequado funcionamento. Afora isso, tinha um pavilhão para os aposentos da criação e moradias para os empregados com família, estábulos, cocheiras,

área para reparos, fazenda leiteira, hortas, pomares, cervejaria e um agradável chalé de verão, onde tia Margareth preferia permanecer naquela estação do ano em vez de ir para Londres, como muitos faziam.

Os famosos jardins serviam de modelo para arquitetos iniciantes. Na frente da fachada sul, um vasto tapete de grama retangular, com uma fonte esculpida no centro, seguido de um longo espelho d'água do mesmo formato, proporcionava ampla perspectiva do espaço. Mais adiante, cascatas em degraus faziam a água deslizar romanticamente. Estufas envidraçadas e canteiros cheios de plantas coloridas embelezavam seu exterior. O jardineiro-chefe, Jacob Battle, era conhecido por cultivar as mais belas papoulas, margaridas e botões-de-ouro, vencendo diversos concursos na região.

Quem abriu a porta de carvalho com tachas de ferro foi o zeloso e indefectível Frederick Howes, o mordomo que havia anos comandava com férrea disciplina as atividades diárias do castelo, inclusive cuidava da contabilidade, da compra de mantimentos, além de ser responsável pela adegas e pelo cofre da prataria. Sua fidelidade remontava à época do sexto duque de Melbourne, David Kensington, marido de tia Margareth, que falecera antes mesmo de eu nascer. Avancei pelo comprido corredor da direita até atingir a pesada porta do escritório. Pelo horário, tia Margareth certamente estaria concentrada no exame minucioso de contas e documentos administrativos de suas propriedades.

Mamãe e tia Margareth, não obstante fossem fisicamente parecidas, com pele acetinada, cabelos e olhos castanhos dotados de grande vivacidade, corpo bem proporcionado e estatura mediana, não podiam ter temperamentos mais diferentes. Enquanto mamãe adorava festas e bailes, comparecer a lugares concorridos e saraus com roupas e joias caríssimas, tia Margareth se dedicava de corpo e alma aos negócios e patrimônio herdados de seu falecido marido.

Mesmo tendo sido extremamente bonita na juventude, tia Margareth recusou-se a casar novamente. Segundo afirmava, nada a impedia de se relacionar com outros homens, porém, a liberdade alcançada pela viuvez não tinha preço. Tampouco existiria amor capaz de fazê-la abdicar de sua vida privilegiada, com total liberdade. Como não poderia deixar de ser, mamãe não perdia uma chance de criticar tia Margareth por tal opção. Fato constantemente exteriorizado, pois mamãe não entendia o porquê de sua

Nas montanhas do Marrocos

irmã desperdiçar a vida com atividades monótonas que deveriam ser desempenhadas exclusivamente por um homem.

Depois de tanta correria, abri ofegante a porta do escritório. O relógio pendurado sobre a lareira me dizia que eu estava atrasada quarenta minutos. Lentamente, tia Margareth levantou os olhos do documento e me lançou um olhar compreensivo.

— Olá, minha querida! Lamentavelmente, seus esforços em chegar pontualmente às nove horas, mais uma vez, não lograram êxito — observou, com calma.

E prosseguiu com um sorriso:

— Não faz mal... O importante mesmo é que você veio — comentou, meneando a cabeça de modo a indicar não se importar com o atraso.

— Desculpas, tia Margareth! — pronunciei, claramente embaraçada. — Como a senhora é testemunha, venho me empenhando em cumprir horários. No entanto, minha noção de tempo não flui na mesma velocidade do relógio! — procurei me explicar, sem muito sucesso.

— Não se preocupe com isso agora. Deixe essa bobagem de lado e vamos nos deter no que interessa — falou, com praticidade. — Por sinal, comecei a analisar os relatórios sobre os resultados da propriedade que fica na margem norte da entrada de Derby. Sir Richard Button enviou-os ontem para mim. — Em seguida, subitamente perguntou:

— Viu sua mãe hoje?

— Não — respondi, sem entender a pergunta.

— Ainda bem! Porque, se Lydia tivesse visto suas roupas e o estado de seus cabelos, ficaria muito aborrecida com a cena. Numa coisa sou forçada a concordar: não é admissível você deixar seus cabelos soltos deste jeito. Na sua idade, isso não é mais permitido.

— Eu os amarrei antes de sair... — comecei explicando, na defensiva. Entretanto, ao passar as mãos acima da cabeça, notei que a fita de veludo preta tinha caído, deixando-os desordenados. — Provavelmente, na cavalgada a fita se desprendeu — conjecturei em voz alta. — Para ultimar a questão, por enquanto, vou prendê-los num coque.

— Katherine, você não é mais criança para andar com os cabelos despendeados — repreendeu-me com firmeza tia Margareth. — Seus olhos azul-esverdeados já chamam por si sós bastante atenção.

— Estou seriamente suspeitando de que lady Northwick, por meio de algum artifício sobrenatural, inadvertidamente entrou neste escritório. Que relevância tem um cabelo solto? Até parece coisa de outro mundo! Pelo que me consta, todas as mulheres têm cabelos e parte significativa dos homens também. Portanto, não há nada de anormal em ter cabelos!

— Sei que estou falando igualzinho a sua mãe — contemporizou tia Margareth. — Na verdade, falo para o seu próprio bem. Com esse comentário, só quero evitar transtornos futuros. De qualquer forma, vamos pôr esta discussão de lado e voltar ao trabalho, porque temos muito o que fazer nesta manhã — disse, encerrando o assunto e voltando a mente para as pilhas de papéis a nossa volta. Somente paramos quando Howes anunciou o almoço.

Como de costume, a Sra. Courtney Shaw, cozinheira de Fairmont, preparou iguarias de dar água na boca. Primeiro, detivemo-nos no linguado ao molho de anchovas acompanhado de salada verde, seguido de filés de coelhos com suflê de queijo roquefort, finalizando com merengue de morango, capazes de tentar o mais frugal dos monges. Estávamos debatendo os relatórios enviados por sir Richard quando tia Margareth, inesperadamente, indagou sobre a minha apresentação à sociedade em Londres.

— Está preparada para os inúmeros bailes e festas a que irá quando começar a temporada em Londres?

— Honestamente, não.

E continuei, conformada:

— Também não venho mais arruinando meu sono com isso. Parei de lutar contra o inevitável. Estava sendo uma tremenda perda de tempo, pois nada demoveria mamãe da ideia. Por isso, achei prudente me esforçar nas aulas de piano, dança, sem falar nas aulas de etiqueta. Mas, o que me causa profundo aborrecimento são as lições da Srta. Clarissa Collins sobre os títulos de nobreza e a história das proeminentes famílias e herdeiros... naturalmente!

— Minha querida, não fique incomodada por essas coisas. Quem sabe você não encontrará algum pretendente que a encante dentre esses odiosos herdeiros mencionados pela Srta. Collins? E aí valerão as energias despendidas.

Nas montanhas do Marrocos

— Eu não apostaria nisso — respondi, com ceticismo, ajeitando-me repetidas vezes na cadeira em busca de uma posição mais confortável.

— Seguindo o caminho natural das coisas, algum dia certamente você casará. E frequentar recepções, saraus e concertos são uma forma eficiente para se conhecer pessoas interessantes — ponderou tia Margareth, na esperança de me convencer das vantagens da viagem.

— A senhora estaria correta em suas observações se considerássemos a hipótese de uma jovem realmente interessada em se casar. A premissa básica do seu raciocínio é justamente essa. Contudo, tal circunstância não se verifica comigo — argumentei, tentando mostrar-lhe minha lógica. — Vamos ser realistas: qual é o homem que se casaria com uma mulher que aprecia economia e relatórios administrativos? — questionei, sem anteparos. — Não é segredo para ninguém que o sonho de, pelo menos, noventa e nove por cento dos homens, usando números conservadores, é estar ao lado de uma mulher versada em bordado, música e assuntos triviais, a ponto de uma criança de seis anos ser perfeitamente capaz de participar, com desenvoltura, da conversa.

— Não seja tão rígida. Os homens podem ser muito mais interessantes do que se supõe... — contrapôs-se com seriedade tia Margareth. — Como também podem admirar outras aptidões nas mulheres fora aquelas convencionalmente admitidas em sociedade como adequadas.

— Bem... A senhora é mais experiente do que eu e deve saber do que está falando. Vou lhe conceder o benefício da dúvida, deixando a questão em aberto — aceitei momentaneamente, exteriorizando minhas incertezas sobre o assunto. — É melhor eu me apressar. A Srta. Collins irá a Greenfield House hoje à tarde, para mais uma de suas maçantes aulas!

Depositei um beijo de despedida em tia Margareth e me dirigi até o requintado saguão de mármore da entrada. Desci a grande escadaria situada à frente da mansão. Montei com destreza em Raio Dourado e voltei pela mesma trilha percorrida horas antes. Todavia, a sorte do início do dia não se repetiu na chegada. Foi somente colocar os pés no hall de Greenfield House para mamãe se materializar. Nem tive oportunidade de abrir a boca para cumprimentá-la.

— Onde a senhorita esteve trajada desse jeito? — perguntou mamãe, em tom inquisidor, andando em círculos a minha volta. — Procurei você

por toda parte nesta manhã. Não poderia ao menos ter deixado um bilhete, em vez de sumir como fumaça ao vento?! — falou, profundamente zangada.

— Desculpe-me, mamãe. Hoje é quarta-feira! Até onde me recordo, havíamos combinado que todas as segundas, quartas e sextas-feiras pela manhã eu estaria em Fairmont com tia Margareth. Em todo o caso, perdoe-me se a fiz procurar desnecessariamente por mim — expliquei, com voz neutra.

— Não seja impertinente, Katherine! — censurou, aborrecida.

— Lembrá-la do nosso acordo não tem mal algum. Somente denota que eu não tive a menor intenção de perturbá-la — justifiquei, na expectativa de contornar a situação.

— No entanto, você ainda não esclareceu... Que trajes horríveis são estes?! — franziu a testa e apontou acusatoriamente para as minhas adoradas e igualmente surradas roupas de montaria.

— Por favor, não vamos discutir sobre isso novamente — respondi, com tranquilidade. — Eu estava cavalgando sozinha pelos campos. Ninguém me viu. Sem falar na falta de sentido prático que é estar toda enfeitada os trezentos e sessenta e cinco dias do ano!

— Chega de desculpas esfarrapadas ou não responderei por mim! — verbalizou mamãe, raivosa. — Suba agora mesmo para o seu quarto e se apronte como manda o figurino. Os baldes com água quente para o seu banho já foram despejados na banheira. Daqui a pouco, a Srta. Collins estará aqui para as suas aulas — ordenou, peremptória. Sem me dar chance de replicar, encaminhou-se ao jardim como se nada tivesse acontecido, abandonando-me sozinha com minhas frustrações pela injustiça da situação.

Suspirando desanimada, subi as escadas devagar, reunindo forças para suportar as três enfadonhas horas de aula com a Srta. Collins.

Ninguém merece um castigo como este! — pensei, inconformada.



Uma das questões que insistentemente povoavam a minha mente naquelas intermináveis horas ao lado da Srta. Collins era entender o porquê de o tempo ser ironicamente cruel. Quando eu queria que passasse

Nas montanhas do Marrocos

rápido, arrastava-se inexplicavelmente. Em compensação, se queria prolongá-lo, corria numa pressa assustadora! — refleti, chateada, ao escutar a Srta. Collins discorrer sem trégua sobre títulos nobiliárquicos. Bocejei discretamente cinco vezes no exíguo espaço de quinze minutos, forçando-me a dar beliscões nas pernas para me manter acordada até o final da aula.

Cumpridas as obrigações, fui à biblioteca pegar um livro para me entreter. Desta vez, optei por *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen. Ao dedilhar as primeiras páginas, minha atenção foi rapidamente fisgada. Infelizmente, não pude avançar na leitura como gostaria porque Melissa, minha irmã mais velha e marquesa de Lavenham, acompanhada de seus cinco filhos, chegou a Greenfield House, onde passariam uma semana.

De todos os meus quatro irmãos, Melissa era com quem eu tinha menos afinidade. Suas conversas eram entediantes e fúteis. Muito diferente do que acontecia com os outros, principalmente com meu irmão Philip. Embora fosse homem e passasse longos períodos afastado por conta dos estudos, existia entre nós uma indisfarçável ligação. Nas suas férias da Cambridge University, sempre ficávamos infundáveis horas colocando a conversa em dia. Philip era uma pessoa especial que futuramente herdaria o título, tornando-se o sexto conde de Northwick. Sem dúvida, saberia conduzir os negócios da família no momento apropriado.

Precisando encarar a realidade da próxima semana, respirei fundo e fui ao inevitável encontro na sala de estar. Melissa estava aparentemente bem, com seus cabelos loiro-acobreados presos num coque sofisticado que realçava os olhos amendoados e as bochechas salientes. Mesmo me controlando para não fazer comentários, não pude deixar de perceber como se vestia. Pareceu-me excessiva, numa profusão de laços e fitas. Em nome da paz familiar, nem cogitei fazer alusão à sua aparência, para não romper o precário clima de harmonia que se instalava quando ficávamos juntas.

Na verdade, o casamento de Melissa foi um profundo alívio para mim, porque implicávamos uma com a outra e discutíamos o tempo inteiro. Para uma criança de oito anos, Melissa era a irmã mais detestável da face da Terra. Vê-la partir com seu marido foi uma das melhores sensações da infância. Agora, depois de todos esses anos, evoluímos para uma relação relativamente civilizada, em que pese a sua visão de mundo continuar me

dando calafrios, sem falar no seu irritante e desagradável marido. Numa avaliação imparcial, Rudolph Steyning, marquês de Lavenham, para os padrões atuais poderia ser classificado como um homem bem-apessoado. Mas, bastavam cinco minutos ao seu lado para a empáfia e arrogância esconderem seus atributos físicos. Era insuportável estar no mesmo ambiente que ele. Ao menos, Melissa veio sozinha com os filhos para Greenfield House!

Conversamos por mais ou menos meia hora. Ou melhor, mamãe conversou com Melissa por esse período e eu, obviamente, para evitar qualquer contratempo, acompanhei com olhar de fingido interesse os tópicos abordados. Finalmente, o gongo que marca o horário para trocarmos de roupa para o jantar tocou e nos retiramos para nossos quartos. Naquela noite, teríamos a presença do Dr. Stephen White. Como era hábito, o jantar iniciaria pontualmente às vinte horas. Papai e mamãe sempre se sentavam no centro da mesa. Um defronte ao outro. A direita de papai seria ocupada por Melissa, por possuir naquela noite o título mais importante entre os comensais presentes; e os pratos seriam servidos ao estilo russo, de modo que o serviço principiaria a partir de Melissa e seguiria em sentido horário, alternando homens e mulheres.

Durante a refeição, por estar sentada à esquerda de papai, migrei minha atenção para o convidado à minha frente, deixando meus pais às voltas com Melissa.

— É verdade que o senhor pretende montar um hospital na região? — perguntei, com o intuito de aferir as informações que circulavam ultimamente no povoado, enquanto colocava no prato uma generosa porção de salmão com molho de mel e mostarda, servido pelo lacaio em uma travessa de prata.

— Não será um hospital, lady Katherine. O que venho pensando é em abrir um ambulatório para tratar as enfermidades mais comuns. O longo trajeto até Londres dificulta sobremaneira o acesso aos serviços básicos de saúde para a população local — explicou o Dr. White antes de saborear o purê de tomates.

— Indiscutivelmente, mesmo sendo um ambulatório, será um feito maravilhoso para o nosso condado. Tal iniciativa facilitará a vida de muitos que não dispõem de meios de percorrer uma distância tão longa,

Nas montanhas do Marrocos

como é o caminho daqui a Londres. E esse estado de coisas necessita ser urgentemente alterado! — declarei, com admiração.

E questionei, em seguida:

— Já consegui reunir recursos suficientes para a construção das futuras instalações do ambulatório?

Nesse ínterim, Dodgson, com sua costumeira eficiência, despejava da entalhada garrafa de cristal um translúcido e refrescante vinho branco, nas taças elegantemente dispostas sobre a mesa.

— Ainda estou trabalhando nessas questões, mas lorde Northwick se comprometeu a nos ajudar, viabilizando a verba necessária para a compra do terreno — disse, diplomaticamente.

— É uma grande honra poder contribuir com o empreendimento — interveio papai, confirmando os compromissos assumidos, entre uma garfada e outra.

— Ótimo! Fico muito contente em saber desses progressos. Se o Dr. White quiser, posso falar com a duquesa de Melbourne sobre o tema e indagá-la sobre a possibilidade de contribuir na compra de alguns equipamentos — ofereci, solícita.

— Não me importaria em absoluto. Na realidade, vamos precisar de todos os esforços possíveis para concretizar esse projeto.

— Suponho ser necessário contratar enfermeiras... Quais requisitos serão exigidos no processo de seleção? — inquiri casualmente, embora estivesse cheia de segundas intenções. Depois, tomei um demorado gole de água da linda taça de cristal esculpida com guirlandas, para melhor avaliar a repercussão das minhas palavras.

Nem bem terminei de formular a frase e todos na mesa dirigiram um olhar atravessado para mim. Papai, que sabiamente anteviu as minhas reais pretensões, sem interromper o gesto de verter no prato um pouco de couve-flor gratinada, apressou-se em dizer:

— Unicamente profissionais com comprovada experiência poderão ser contratadas. Em Londres, há enfermeiras bem qualificadas para o trabalho no ambulatório.

— Disso eu não tenho a menor dúvida! — falei, como se nada tivesse acontecido. — Londres é efetivamente uma cidade bem grande. Será fácil alguém se interessar em se mudar para o campo, onde a vida é mais

pacata — aquiesci graciosamente, voltando-me de novo para o Dr. White, com a cristalina taça de vinho suspensa no ar.

— Por acaso o senhor dispõe de levantamentos sobre o custo total da obra e quanto será preciso gastar por mês na manutenção do ambulatório? — perguntei, com cuidado, para não atingir as suscetibilidades do Dr. White.

Em sequência, justifiquei-me:

— Acredito que haverá mais chances de pôr em prática o projeto se esses dados estiverem disponíveis... Quem sabe isso não ajudará a conquistar a simpatia de potenciais doadores?

— Não havia raciocinado sob este prisma, entretanto, concordo que milady está coberta de razão! — externou o Dr. White educadamente, repousando os adornados talheres de prata no prato de porcelana com frisos dourados.

Os lacaios retiravam os pratos vazios, substituindo-os por limpos, seguindo rigorosamente o menu daquela noite.

— Katherine... Essas questões não são assuntos adequados para um jantar — interpôs-se mamãe, com um inconfundível olhar de censura, em virtude da minha insistência numa temática vinculada a dinheiro. — Dr. White, perdoe-nos por essa inconveniente observação.

— Lady Northwick, não há do que se desculpar! As colocações de lady Katherine são oportunas. Repassando mentalmente os últimos encontros com prováveis colaboradores, se eu dispusesse desses números, talvez pudesse tê-los convencido da viabilidade do projeto com maior rapidez — garantiu o Dr. White, ao se servir das apetitosas caudas de lagostins, artisticamente arrumadas na bandeja reluzente que circulava nas mãos enluvadas e treinadas do lacaio.

— Realmente, Lydia... — começou papai, com o objetivo de amenizar o constrangimento instaurado à mesa após o comentário de mamãe —, Katherine tem motivos consistentes ao enfatizar a necessidade dos levantamentos, porque através deles será possível saber o custo do ambulatório e o quanto será preciso para financiá-lo.

E afirmou papai, com o deliberado propósito de desviar o foco da conversa:

— Estas batatas recheadas estão estupendas! Dodgson, por favor, re-

Nas montanhas do Marrocos

passe meus cumprimentos à Sra. Marshall pelo excelente jantar.

— Mesmo assim, George — objetou mamãe, implacável —, isso não retira o caráter impróprio dessa espécie de interrogatório dirigido ao Dr. White.

No universo estratificado e imutável de mamãe, assuntos de índole financeira eram considerados uma inaceitável indiscrição, beirando o vulgar. Nem entre familiares se admitiam tais diálogos!

Pressionada pelo desdobrar dos fatos, pedi escusas ao Dr. White, mantendo-me em silêncio a partir de então. Esperei heroicamente o término da refeição com um polido sorriso no rosto, até que, respeitando as normas da boa educação, pedi licença para me retirar. O dia tinha sido enfadonho por demais! Somente desejava o meu quarto, onde poderia me dedicar sem ser interrompida à leitura de *Orgulho e preconceito*. O cansaço, porém, embaçou-me a visão, impedindo-me de sequer concluir duas páginas do livro.



Na manhã seguinte, devidamente trajada e com meu livro debaixo do braço, fui à pequena sala que dava para o jardim lateral da casa, onde usualmente era servido o desjejum. Custou-me acreditar quando não encontrei viva-lma no recinto, exceto o empertigado Dodgson próximo ao aparador, onde as comidas estavam dispostas. Servi-me de ovos mexidos, mingau de aveia, torradas com geleia de uvas e um pouco de chá com leite. Aproveitei o inesperado isolamento para dar sequência à leitura. Contudo, não demorou dez minutos para ouvir às minhas costas um desafinado “bom dia!”. Era Melissa entrando na sala.

— Espero não estar atrapalhando... — justificou-se ao sentar à mesa, na cadeira em frente à minha.

— De forma nenhuma. Eu apenas estava me entretendo com um livro, por não ter ninguém para me fazer companhia — verbalizei, com cortesia, ao mesmo tempo que me conformava em fechá-lo.

— Você continua a mesma! — atacou de supetão, ao entornar o bule com café na sua xícara de porcelana floral com premeditada indiferença.

— Como?! Não entendi a sua observação — indaguei, aturdida, segurando a torrada no ar, a meio caminho da boca.

— Ora... ora... Não se faça de desentendida! — admoestou, com voz sarcástica. — Ontem você somente sossegou depois que aborreceu nossos pais no jantar com aquelas inadequadas perguntas ao Dr. White.

— Eu não estou acreditando no que acabei de escutar a esta hora da manhã! — exclamei, boquiaberta. — Implicar só pode ser um de seus pasatempos prediletos, na falta de coisas relevantes para se ocupar. Decididamente, é muito difícil viver ao seu lado.

— Olhe só... Agora quer se colocar na cômoda posição de vítima! — ironizou Melissa. — Faz toda a confusão e supõe que nada ocorreu. E pior, pensa que eu estou provocando desentendimentos.

— Melissa... não adianta... — retruquei, respirando com desânimo, enquanto jogava o guardanapo na mesa e me levantava, resignada. — Sempre vemos tudo sob ângulos opostos, e as restrições que você tem a minha pessoa tendem a aumentar. Assim, para não estragarmos estes dias com discussões inúteis, já que infelizmente seremos obrigadas a partilhar o mesmo teto, proponho mantermos a distância.

Com o dedo em riste sob seu rosto, adverti, séria:

— Aviso-lhe de que não deixarei passar nenhuma das suas *perspicazes* e *originais* observações sem a devida resposta!

— É muita petulância de sua parte querer me ameaçar! — vociferou, indignada, às minhas costas.

Na porta, voltei-me para Melissa e concluí impiedosamente, com a mão na maçaneta:

— Ahh... Antes que eu me esqueça... O que seria imperdoável... Aconselho-a comprar um espelho com urgência. Você não tem a menor ideia do quanto são ridículas as suas roupas espalhafatosas, cujo estilo o passar dos anos apenas fez piorar...

Ao dizer estas últimas palavras, saí rapidamente para não lhe dar tempo de responder, ou, na eventual hipótese de ela ser suficientemente ágil em rebater, para não ouvir a sua indignada resposta. Eu tinha plena consciência do quanto havia extrapolado.

Para evitar novos confrontos, refugiei-me no lago que ficava numa parte reservada da propriedade, onde podia descansar sem ser incomodada. Após passar pelos corredores e descer a escadaria situada na lateral externa da sala de estar, segui uma estreita trilha de pedras escuras que cortava

Nas montanhas do Marrocos

os jardins, e pouco a pouco penetrei no frondoso bosque de faia e teixo que circundava Greenfield House. Andei cerca de vinte minutos até divisar o ensolarado lago transparente com seixos e pequenos arbustos. A plêiade vicejante de entretons de papoulas e cardos, o voo sinuoso e febril das borboletas, o piado de tordos e andorinhas e o perfume amadeirado da vegetação davam um toque especial ao ambiente.

Sentei-me debaixo de uma das árvores. Ainda li algumas páginas do livro antes de o pensamento divagar para assuntos nada animadores. O fato era que dali a um mês iríamos viajar para Londres e as coisas prometiam ficar complicadas. Sob hipótese alguma eu queria um marido. Mas essa opinião parecia não ser compartilhada por mais ninguém. Se até mesmo tia Margareth entendia que eu deveria me casar, imagine mamãe, que não pensava em outra coisa desde o dia em que nasci! Pelo menos — raciocinei, fazendo um enorme esforço para me consolar —, papai havia jurado não me impor nenhum marido. Somente com o meu consentimento aceitaria alguma proposta de casamento. Todavia, o que eu não podia idealizar naquela época, nem mesmo em minhas mais trelouçadas e delirantes fantasias, era a abrupta guinada que atingiria como um relâmpago a minha vida, alterando radicalmente o previsível curso do meu destino.



O sol espriava vívidos reflexos dourados na campestre paisagem matinal. O céu azul praticamente não tinha nuvens. Fiquei feliz por ter dormido cedo. Isso me permitiu levantar milagrosamente no horário, dando tempo para fazer a toalete sem afobação. Tanto que às nove da manhã eu atravessava contente a porta do escritório de Fairmont. O olhar espantado de tia Margareth foi uma experiência impagável.

— A julgar pelo horário, apostaria que não dormiu bem esta noite — especulou tia Margareth, sorrindo. — Havia espinhos no seu colchão, Katherine?! — provocou, em tom de brincadeira.

— Bom dia, tia Margareth! — falei, radiante. — Lamento informar que a senhora está redondamente enganada. Esta noite dormi literalmente como um anjo!

— Soube que Melissa veio visitá-los... Está tudo transcorrendo em paz em Greenfield House?

— Não estamos propriamente num mar de rosas, mas conseguimos um meio-termo bastante eficaz — disse, de forma evasiva, na tentativa de desviar o tema da conversa.

— Posso saber qual foi esse satisfatório meio-termo? — indagou tia Margareth, desconfiada.

— Ficarmos o mais longe possível uma da outra — revelei, enquanto me sentava a sua frente e mexia distraidamente em alguns papéis debaixo das pastas de trabalho.

— Como vocês são difíceis... Não precisavam chegar a tal extremo! — balançou a cabeça com desgosto. — Reconheço as dificuldades de conviver com Melissa, mas afinal de contas vocês são irmãs. Precisa desse clima de beligerância sempre que ficam juntas?! — perguntou tia Margareth, com enfado.

— Desta vez não importunei ninguém. Inclusive, no jantar de boas-vindas a Greenfield House, fiquei praticamente calada — expliquei, na defensiva. — Para evitar problemas, voltei minhas atenções para o Dr. White, que pretende montar um ambulatório na região. Empolgada com o assunto, não atentei estar na frente de todos e fiz algumas perguntas que soaram impróprias para mamãe. Diante de tal constrangimento, não tive opção senão me desculpar e me retirar para o quarto, assim que foi possível. Não satisfeita, Melissa arrumou um subterfúgio para me fustigar no outro dia. Sinceramente, perdi a paciência e a mandei ficar longe de mim, pois eu não seria mais tolerante com suas provocações — verbalizei ao me levantar da cadeira para ir em direção à prateleira de livros, na vã esperança de escapar do olhar perscrutador de tia Margareth.

— Somente isso... Katherine?

— Teve mais uma coisinha... — afirmei, desconcertada, enquanto lia a lombada dos volumes perfeitamente dispostos na estante, parando o olhar na obra *A vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft.

— Que coisinha? — pressionou tia Margareth. — A senhorita poderia ser mais específica?

— Eu sei que passei dos limites... — admiti, virando-me para encará-la, ligeiramente envergonhada. Então prossegui: — As palavras acaba-

Nas montanhas do Marrocos

ram saindo sem eu sentir... Em resumo, eu disse que a forma dela se vestir era terrível.

Após uma pausa para lembrar as exatas palavras, continuei:

— Ironizei sua aparência e a sensível piora no decorrer do tempo... Não me recordo com precisão dos termos empregados. Mas suponho ter sido algo mais ou menos assim...

— Meu Deus, Katherine! — exclamou tia Margareth, horrorizada. — Precisava ser indelicada e grosseira?! Eu sei que Melissa faz comentários tolos e fora de contexto, mas ironizar suas roupas foi muito deselegante de sua parte. Encontrou-a depois desse inoportuno incidente?

— Eu evitei qualquer contato com ela. O fato é que não faltei com a verdade quando critiquei sua forma de vestir. A senhora realmente precisa conferir com seus próprios olhos... — externei, na tentativa de abrandar o julgamento de tia Margareth a meu respeito. — Está definitivamente pavorosa! — reiterei, com convicção.

— Você pode pensar como acabou de descrever, entretanto, não tem o direito de ofendê-la — disse tia Margareth, duramente.

— Vou procurar medir minhas palavras no futuro — concordei, meneando a cabeça num tom conciliador.

— Acho bom!

Mudando propositalmente de assunto, pedi, enquanto retirava da prateleira o volume que chamara minha atenção:

— Posso pegar este livro para ler?

— Excelente escolha. Vale a pena refletir sobre as opiniões de Mary Wollstonecraft acerca da condição das mulheres na nossa sociedade. Para mim, essa escritora poderia ser intitulada a precursora do movimento feminista que estamos presenciando na atualidade. Mas, agora, temos que voltar nossas mentes para outros temas. Nos últimos relatórios enviados por sir Richard Button, constateei despesas divergentes.

Ao verificar com minúcia as colunas e registros contábeis dos relatórios de sir Richard, tia Margareth soltou um suspiro cansado. Os gastos estavam consideravelmente maiores do que o inicialmente programado!

— Outra coisa... — começou tia Margareth, recostando-se na cadeira — terei de me ausentar nas próximas duas semanas para poder acompanhar as obras da barragem que mandei construir em Wolfcastle. Depois

desse relatório, preciso ser muito cuidadosa para não ter mais nenhuma surpresa financeira.

Eu ainda estava concentrada nas informações do relatório quando assimilei as palavras de tia Margareth de que se ausentaria por duas semanas. A apreensão apossou-se de mim, fazendo-me levantar a cabeça, com expressão pensativa. Não queria ficar afastada do dia a dia que compartilhávamos.

— Não acha duas semanas muito tempo? — perguntei, com o intuito de demovê-la da ideia da viagem.

— Duas semanas passam rápido. Não tenho dúvidas de que sua mãe ficará profundamente feliz com essa notícia. Assim, você poderá se dedicar com afinco às aulas da sua preceptora. Em compensação, Lydia não poderá me culpar por eu estar desviando sua atenção.

E emendou, sem alterar o timbre de voz:

— Talvez eu precise ficar mais do que as duas semanas agendadas. Somente saberei o tempo necessário quando averiguar pessoalmente o local.

Ante a lógica do argumento, não me restava escolha senão anuir com o itinerário de tia Margareth. Sua presença seria vital para a condução dos trabalhos da represa em Wolfcastle. Com esse pensamento a embaralhar minha memória, subitamente atinei não haver delineado o projeto do ambulatório.

— Eu quase ia esquecendo... Prometi ao Dr. White abordá-la sobre a possibilidade de fazer uma doação para arcar com as obras e a manutenção do novo ambulatório.

— Interesse eu tenho, minha querida! Mas antes gostaria de mais detalhes sobre o projeto para avaliar sua viabilidade.

— Eu desconfiei que a senhora pensaria dessa maneira... — falei, lembrando-me do malfadado jantar. — Verei se nestas próximas duas semanas eu reúno esses dados para repassá-los quando de seu regresso.

— Ficaré para o almoço?

— Não poderei ficar. Madame Windale está vindo especialmente de Londres com os vestidos encomendados, para fazermos as aguardadas provas. Será um tumulto considerável lá em casa — descrevi, sem esboçar empolgação. — Por isso, vou me despedindo, para não causar nenhum tipo de contratempo adicional.

Nas montanhas do Marrocos

Dei um beijo em tia Margareth, peguei as luvas sobre o aparador do escritório, juntamente com o novo livro, e caminhei apressadamente para os estábulos à procura de Raio Dourado. Depois de montá-lo, tomei a trilha mais curta em direção a Greenfield House. Definitivamente, fugir não seria a solução mais inteligente. Na verdade, isso nunca resolvia nada! Mais cedo ou mais tarde seria compelida a encarar Melissa e mamãe.



Enquanto cavalgava pelos esplendorosos campos do condado de Derbyshire, me abstraí da realidade. A única coisa que vinha a minha cabeça era a indescritível sensação de liberdade experimentada ao cavalgar. Sentir o vento refrescante de encontro ao rosto e a força do animal em galgar os espaços a toda a velocidade suplantavam a fugacidade singela das palavras. Só quem vivenciou experiência parecida poderia compreender esse sentimento. Fiquei tão absorta no passeio que nem notei estar correndo muito além do recomendado. O pior foi somente perceber isso já próximo aos estábulos de Greenfield House. Reduzi drasticamente o sincopado galope de Raio Dourado, contudo tal medida não foi capaz de evitar as recriminações e protestos de um rabugento Jonathan Smith, ao frear a montaria.

— Espero que ninguém tenha visto a irresponsabilidade de milady na forma de conduzir este animal irascível — repreendeu ao me avistar.

— Olá, Smith! Vejo não estar em seus melhores dias! Raio Dourado e eu estávamos apenas nos divertindo... — cumprimentei com elegância, sem me importar com suas reclamações.

— Milady está querendo voar?! Lembre-se de que apenas seres com asas têm esta habilidade, sendo inútil, senão temerário, tentar desvirtuar os desígnios da natureza — insistiu, incomodado com tamanha imprudência.

Desmontei num salto e caminhei em direção à varanda, onde seria colocado o almoço. Na primavera, essas refeições eram normalmente realizadas ao ar livre, exceto nos dias frios e chuvosos. Hoje, como o céu estava de um azul límpido e sem nuvens, deduzi acertadamente estarem todos

por lá, inclusive os filhos de Melissa. Ainda não os havia encontrado.

— Chegou bem na hora! — disse papai, com um acolhedor sorriso de boas-vindas.

— Se não fosse por Raio Dourado, seria impossível fazer o trajeto de Fairmont até Greenfield House no tempo que fiz — revelei, entusiasmada. — O senhor precisa ver pessoalmente como ele está se saindo bem...

— Boa tarde, mamãe! Tia Margareth pediu para transmitir o recado de que se ausentará de Fairmont durante as próximas duas semanas.

— Enfim, os céus ouviram minhas preces! — exclamou teatralmente mamãe, com as mãos levantadas para o firmamento. — Pelo menos você poderá se dedicar inteiramente às aulas da Srta. Collins sem dar desculpas esfarrapadas para ir a Fairmont, fugindo de suas obrigações.

Diante do comentário, não pude deixar de rir discretamente. Tia Margareth agora também poderia ganhar dinheiro antevendo o futuro! Acertou com precisão a reação de mamãe acerca de sua ausência. Puxei uma poltrona e me sentei ao lado de papai e defronte a mamãe.

Ciente da grande probabilidade de encontrar a família reunida no almoço, pela manhã optei por vestir a minha melhor roupa de montaria. Escolhi o conjunto de saias com culotes e jaqueta acinzentadas com blusa e lenço brancos, que me davam um ar sóbrio e refinado. Para completar a elaborada toalete, prendi meus cabelos num coque, acrescentando um delicado chapéu de feltro com fita, ambos na cor preta, para proteger minha pele dos inclementes raios solares. A julgar pela criteriosa inspeção, meus esforços surtiram o efeito esperado, pois, ao me encostar à poltrona, mamãe elogiou:

— Gostei muito da sua vestimenta, Katherine.

— Obrigada, mamãe... Recordei-me das aulas da Srta. Collins antes de escolhê-la — falei, com o manifesto propósito de angariar alguma simpatia, depois de tantos mal-entendidos nos últimos dias.

— Então, está aprendendo satisfatoriamente as lições — afirmou, em tom de aprovação.

E continuou, com voz informativa:

— Amanhã receberemos convidados para o final de semana. Como fazia mais de dois anos que Melissa não vinha a Greenfield House, chamei alguns vizinhos. Será uma boa oportunidade de atualizarmos as conversas

Nas montanhas do Marrocos

— detalhou mamãe, afagando as mãos de Melissa com afeto.

— Foi uma decisão formidável, mamãe! Acredito que os Cavendish e os Sutherland tenham sido convidados...

— Todos foram convidados. Não nos esquecemos de ninguém. Será uma reunião restrita às pessoas mais chegadas de nosso convívio social. E eles obviamente estão incluídos.

Irrompendo pomposo, o sisudo mordomo Dodgson, envergando seu imaculado uniforme, comunicou que o almoço estava servido. Dirigimo-nos à mesa situada no lado oposto da varanda. A refeição ao ar livre era uma experiência única. Dava uma leveza ao ambiente, incomum em salas formais, de modo que os assuntos fluíam com naturalidade. Esqueci completamente o que tinha sucedido nos dias anteriores e apreciei com sinceridade aquele relaxante momento. No final, fui ao meu quarto me aprontar para a interminável sessão de provas desta tarde com madame Windale.



Vozes acaloradas elevavam-se nas adjacências da sala de costuras. Ao abrir a porta, encontrei mamãe, Melissa, madame Windale e suas auxiliares, e também Meredith, minha irmã querida! A diferença entre Melissa e Meredith era de quase dois anos. Como era bom encontrá-la depois de tanto tempo longe! Sem me conter de saudade, dei-lhe um abraço bem apertado.

— Mas que surpresa maravilhosa é essa, mamãe?! Por que não me comunicou da vinda de Meredith para Greenfield House?! — perguntei, virando o rosto para fitá-la.

— Ora... sequer a vimos direito nesses dias... E, na hora do almoço, não me ocorreu avisá-la da sua chegada. — Nas entrelinhas, mamãe repreendia minhas constantes ausências.

— Não há problema algum — adiantou-se Meredith, com um sorriso estampado no semblante, pegando minhas mãos entre as suas. — De mais a mais, o importante é estarmos juntas!

— Sem sombra de dúvida! — confirmei, toda contente. — E Charles veio com você?

— Sim, veio. Está numa entretida conversa com papai na biblioteca, atualizando os assuntos de meses! — E continuou: — O único senão da viagem foi deixarmos o pequeno Edward em Londres. Se somente vamos ficar durante o final de semana, seria uma viagem muito cansativa para uma criança. E, como o trabalho na embaixada exige muito de Charles, dando-nos pouco tempo juntos, decidimos aproveitar esse período sozinhos.

— A vida de diplomata não deve ser nada fácil... — disse, em apoio a sua decisão de virem sós. — Porém, deve ser extremamente interessante viajar para países exóticos, como vocês fazem...

— Bem, meninas... — falou mamãe, interrompendo a conversa e nos trazendo de volta à insípida realidade da sala de costura. — Será que madame Windale pode mostrar as encantadoras roupas confeccionadas?

— Claro! — concordou Meredith prontamente, ao que assenti com a cabeça.

As horas passaram depressa. Provei dezenas de vestidos, blusas, saias, luvas, acessórios dos mais variados — sapatos, chapéus, bolsas, sombrinhas. A profusão de adereços era assombrosa. Fiquei me perguntando se algum dia precisaria novamente comprar roupas novas; aquilo tudo daria para a vida inteira!

Graças aos espirituosos comentários e observações de Meredith, as conversas transcorreram descontraídas, sobressaindo no ambiente um clima de harmonia e diversão.

Apesar do sossegado desfecho do dia, os sonhos desta noite foram tumultuados. Como acontecia desde a infância, eu estava num mar revolto, sendo desesperadamente tragada por forças poderosas, desaparecendo na escuridão. Inesperadamente, surgia um homem vigoroso e de abundante cabeleira branca com uma afiada espada sarracena direcionada sobre a minha nuca, pronto para me decapitar sem piedade. Seus gélidos olhos verdes, como translúcidas pedras de jade, encaravam-me com indisfarçável hostilidade. Impotência e sofrimento envolviam minhas emoções, numa angústia sem fim.

Sentando-me abruptamente na cama, acordei assustada. Gotas de suor brotavam nas têmporas. Tantas vezes tivera esse mesmo pesadelo que não lhe dava mais tanta importância, sequer conjecturava sobre o seu

Nas montanhas do Marrocos

significado. Se é que tinha algum! Respirando profundamente, aguardei o coração retornar ao ritmo normal. A percepção da realidade acalmou-me. Sonolenta, abandonei-me outra vez nos braços de Morfeu.



No início da tarde, os convidados começaram a chegar para o final de semana. A maioria ficou descansando nos seus respectivos aposentos. Como não tinha escolhido o vestido que usaria naquela noite, resolvi me antecipar, no intuito de evitar atrasos. Depois de provar quase metade do meu guarda-roupa, continuava indecisa. O pior foi constatar que todos deveriam estar prontos. Até Meredith, que nunca foi um primor de pontualidade, estava arrumada antes de mim! E o resultado era deslumbrante. Seus cabelos pretos estavam presos num penteado no alto da cabeça, enfeitado por presilhas prateadas. O vestido verde-escuro, de corte clássico, realçava os expressivos olhos verdes. Sem falar na pele leitosa e no sorriso contagiante, sua marca mais característica. Também usava um conjunto de brincos e colar de brilhantes com esmeralda, justificando plenamente a visível adoração de Charles Leatham, seu marido.

— Katherine, eu não acredito que você ainda está deste jeito! Tem noção de que horas são?! — indagou Meredith, fechando a porta atrás de si e me fitando com espanto.

— Eu sei do meu atraso... Já revirei meu armário pelo avesso e não cheguei a nenhuma conclusão — expliquei, apontando para as roupas sobre a cama.

Sem paciência, Meredith falou com entonação que não admitia contestação:

— Pegue qualquer vestido, senão você apenas ficará pronta para o café da manhã! Sugiro o azul-lavanda com apliques de cristais que está aí em cima. Certamente lhe cairá muito bem. Coloque o conjunto de pérolas que papai lhe deu de presente de quinze anos, e pronto! Espero encontrá-la no salão em vinte minutos. Caso contrário, virei arrastá-la do jeito que estiver vestida. Compreendido? — ordenou, deixando-me sozinha no quarto.

Dadas as circunstâncias, minha criada Marianne empenhou-se em ul-

timar a toaleta o mais rápido possível, quase me deixando sem respirar de tanto ajustar o maldito espartilho! A escolha de Meredith mostrou-se acertada. Satisfeita com o resultado, desci as escadas até o local do baile.

O salão fervilhava de convidados, o que de certa forma atenuou o meu atraso. Dificilmente alguém notaria a minha ausência naquela multidão. O mármore branco do piso praticamente sumira. Em seu lugar, vestidos e trajes festivos coloriam o ambiente. Centenas de lâmpadas a óleo e velas derramavam sua luminosidade amarelada, cintilando os cristais dos extraordinários lustres e refletindo as imagens nos grandes espelhos estrategicamente pendurados nas paredes forradas de seda bege. As fantásticas pinturas do teto, molduradas com rebuscados frisos dourados, renasciam no esplendor da intensa luz. A orquestra mantinha o espaço de danças lotado. Totalmente abertas, as enormes janelas de esquadrias brancas permitiam entrar uma tênue brisa primaveril. Uma eufórica animação podia ser percebida à medida que eu circulava entre os presentes. Após cumprimentar diversos conhecidos, localizei Susan Sutherland e segui em sua direção.

— Que bom reencontrá-la, Susan! — disse, efusivamente, tocando-lhe afetuosamente as mãos.

— Também é uma alegria revê-la, Katherine!

— Fiquei na maior expectativa de encontrá-la quando soube deste final de semana.

— Há meses não nos vemos... E esse distanciamento é culpa sua! É uma dificuldade para se afastar da duquesa de Melbourne! Nunca vi uma sobrinha tão devotada... — alfinetou Susan, chateada.

— Não seja ciumenta! O problema é que, diante da iminente viagem a Londres, fui forçada a me dedicar a outras atividades. Você sabe que mamãe está a todo instante me vigiando e cobrando a minha presença nas aulas da Srta. Collins, dificultando sobremaneira qualquer visita a Tree Oaks.

— Tudo bem. Você sempre tem uma resposta convincente para me dar — respondeu Susan, conformada, com um sorriso insinuando-se no rosto. — Eu não sei por que insisto em convencê-la a ter uma vida social mais dinâmica!

— Fico grata em saber o quanto sou persuasiva — externei, com ex-

Nas montanhas do Marrocos

pressão estudadamente angelical. Neste instante, Henry Sutherland, irmão de Susan, aproximou-se de nós.

— Boa noite, lady Katherine! — saudou Henry, gentil, inclinando-se às minhas mãos para beijá-las. — A cada reencontro, surpreendo-me com o seu inesgotável encanto.

— Você continua o mesmo... — observei, lisonjeada.

Desviando o foco da conversa, indaguei:

— Como está a faculdade de medicina? Pensei que ainda estivesse em Cambridge.

— Vim passar alguns dias do recesso em Tree Oaks, mas retornarei na próxima semana — detalhou Henry, com charme.

— Pena a sua estada entre nós ser tão curta. Afinal, faz mais de um ano que não o via.

— Então, vamos aproveitar esta noite juntos! Gostaria de dançar?

— Será uma honra — aceitei o convite sorrindo.

Pousando suavemente minha mão em seu braço, Henry conduziu-me para o espaço de danças, onde ecoava a cadência de uma valsa vienense. Há meses não me divertia como nessa noite. Henry era um homem atraente que agia com desenvoltura e possuía traços marcantes. E o tempo parecia contribuir, enfatizando seus predicados: os longos cabelos ruivos, os profundos olhos cinza, associados a sua significativa estatura, formavam um conjunto formidável. Não eram de estranhar os furtivos e invejosos olhares que as dissimuladas irmãs Samantha e Jennifer Thompson lançavam em minha direção.

Também percebi ser inevitável afastar o encantamento que sentia, principalmente porque seus braços rodeavam o meu corpo e transmitiam uma aprazível sensação de bem-estar. Por isso, decidi desfrutar daquele contato sem me preocupar em categorizar os sentimentos. Depois de duas músicas, paramos de dançar para tomar refresco.

Ao passar próximo à mesa onde as bebidas eram servidas, divisei Vanessa Cavendish e Susan, ambas sentadas num dos pequenos sofás dourados que circundavam o salão. Solicitei a Henry para irmos ao encontro delas, sendo prontamente atendida. Após cumprimentar Vanessa, Henry pediu licença e se afastou, para falar com alguns conhecidos.

— Pela dificuldade em localizá-la na festa, conjecturei ter ocorrido

algum contratempo, impossibilitando-a de comparecer nesta noite a Greenfield House — externei afetosamente para Vanessa. — Faz muito tempo que não nos encontramos...

— Todavia, quem desapareceu foi você — reclamou Vanessa, sem meandros.

— Eu já falei o mesmo para ela — reiterou Susan.

— Parece que eu estou negligenciando minhas amizades — concluí, politicamente.

— Você agora compreendeu o ponto central da questão — sintetizou Susan.

— Mil desculpas — respondi, com sinceridade. — O fato é que vocês não imaginam os transtornos que venho enfrentando para ser apresentada à sociedade. São aulas de piano, de títulos de nobreza, de dança, de boas maneiras e mais uma infinidade de outras inutilidades! Ando muito atarefada tentando assimilar tudo isso... Os intervalos que sobram não são suficientes para sair de Greenfield House e conseguir visitá-las!

— Katherine, não exagere tanto! — disse Vanessa. — Sabemos que tais questões sempre foram mais complicadas para você, mas não é nada tão ruim como acabou de descrever.

— Detesto discordar da sua opinião — afirmei, desanimada. — O pior é que mamãe está com o firme propósito de arranjar um marido para mim nesta temporada... É uma pressão insuportável! Vocês conhecem o temperamento de lady Northwick e sabem como seu humor pode tomar rumos imprevisíveis ao ser contrariada.

— Nesse ponto, eu sou forçada a concordar — solidarizou-se Susan, sem ocultar uma pontada de pena no seu tom de voz. — Conhecendo-a há tantos anos, posso deduzir os seus atuais percalços — falou com cuidado para não soar deselegante.

— E creiam que não está sendo fácil — respondi, com desalento.

No intuito de direcionar a conversa para outros tópicos, indaguei para Vanessa:

— Tem visto John Harvey ultimamente?

— Praticamente toda semana nos visita em Riverstone. No entanto, ainda não formalizamos nada... — lamentou-se Vanessa. — Não sei como reverter esse cenário.

Nas montanhas do Marrocos

— Não fique assim... Eu tenho absoluta convicção do amor de John Harvey por você! — toquei-lhe as mãos com carinho na tentativa de confortá-la. — Basta observar a forma apaixonada como ele a trata. Talvez esteja inseguro em consolidar um compromisso definitivo... — ponderei, na esperança de apaziguar seus temores e justificar essa inexplicável conduta reticente.

Anunciado o jantar, dirigimo-nos para o salão, onde os convidados aguardavam confortavelmente sentados, em mesas circulares, as iguarias que seriam servidas, as quais haviam sido antecipadamente divulgadas num menu escrito em francês. Exuberantes arranjos com múltiplas rosas brancas intercaladas com hortênsias azuis e verdes enfeitavam o lindo recinto. A prataria, louças e cristais artisticamente posicionados sobre as mesas despertavam a admiração de todos os presentes. Os lugares eram marcados. No meu lado direito, sentou-se Joseph Thompson, um senhor que beirava uns sessenta anos, dotado de um inigualável senso de humor. Tal fato contribuía sobremaneira para enfatizar a antipatia de suas filhas Samantha e Jennifer. E, no meu lado esquerdo, acomodou-se Henry Sutherland.

O Sr. Thompson, com sua voz de barítono, conduzia a conversa, discorrendo animadamente sobre a sua última temporada em Londres, com divertidos e espirituosos comentários sobre as idiosincrasias da alta sociedade inglesa. Entretanto, Henry foi quem monopolizou a minha atenção. Os assuntos foram diversificados, despertando as reminiscências da época em que fazíamos peripécias escondidos das nossas babás, sem falar em questões mais recentes, como a decisão de cursar a universidade de medicina quatro anos antes. Foi uma refeição deliciosa.

— Lady Katherine, amanhã contaremos com a sua participação na caça à raposa? — indagou Henry, já antevendo a resposta.

— Seguramente. Não perderia este momento por nada! Em minha opinião, será o evento mais interessante do final de semana. No ensejo, poderei apresentá-lo a Raio Dourado. Verá como é esplêndido!

— Confio na sua avaliação. Milady sempre provou ter um talento especial para descobrir animais promissores.

Concluído o jantar, os homens permaneceram para fumar e tomar um conhaque, enquanto as mulheres se retiraram para bebericar licor e sabo-

rear alguns biscoitos na sala de visitas. Não demorei muito por lá, porque já era bem tarde e na manhã seguinte queria acordar cedo e com muita energia para a caçada.



O sol raiou majestosamente no horizonte, afastando as disformes sombras noturnas, tingindo a aurora de tonalidades púrpura e alaranjada. Com a disposição típica de quem passou uma restauradora noite de sono, levantei da cama e pus uma roupa de caça preta, confeccionada em sarja, composta de uma longa e cinturada jaqueta com fenda nas costas, saias e culotes para proteger as pernas, colete, botas de montaria e luvas de couro, uma sofisticada cartola com delicado véu igualmente negro, blusa branca de mangas e um lenço de idêntica cor na altura do pescoço para a aguardada caça à raposa, que era normalmente uma acirrada e emocionante competição. O chá matinal trazido numa pequena bandeja de prata por Marianne ao me despertar permitiria enfrentar saciada as primeiras horas do dia. Nessas ocasiões, não se utilizavam armas de fogo.

Seguindo minhas orientações, Marianne avisou Jonathan Smith do meu propósito de montar Raio Dourado. Ao descer as escadas, observei a casa em frenética e incessante atividade. A senhora Rosie Percy, atual governanta de Greenfield House, parecia estar inteiramente absorvida com os preparativos. Arrumadeiras, lacaios, camareiras e valetes seguiam afoados pelos corredores. E pelo que testemunhei, ao dar uma espiada pelas janelas que se descortinavam para o pátio em frente ao jardim, as montarias já esperavam seus condutores. O torneio prometia ser concorrido, pois havia mais de dezoito cavalos preparados!

O chefe dos guarda-caças, Mitchell Brown, encontrava-se a postos, indicando que a raposa a ser perseguida estava no local propício, aguardando o sinal para ser solta. Em Greenfield House, as caçadas eram muito valorizadas. Papai era um exímio atirador e entusiasta desse tipo de entretenimento, em suas mais distintas modalidades, sobretudo quando se tratava de caçar aves e animais silvestres. Por isso, havia cercados na propriedade com criação de faisões e coelhos que garantiam anualmente uma significativa quantidade e variedade de animais nos bosques. Na pri-

Nas montanhas do Marrocos

mavera, eles eram soltos para se desenvolverem pelos platôs e campos até a abertura oficial da temporada de caça, conferindo prestígio para a região.

A importância das caçadas era tamanha em Greenfield House que a governanta atentamente registrava todos os eventos no livro de caça, de acordo com as informações transmitidas pelo chefe dos guarda-caças. Tudo era devidamente anotado, desde o tempo gasto na atividade, os tipos abatidos e os respectivos pesos — o que demanda um verdadeiro ajuntamento de homens para desempenhar as funções de guarda-caças, subguardas e batedores.

Sob a diligente supervisão de Mitchell Brown, alguns cavaleiros já esperavam o início do torneio. Uma vez montada em Raio Dourado, localizei Henry Sutherland. Decididamente, ele fazia uma figura bastante distinta e elegante, com botas de cano alto pretas, calça bege claro que realçava suas fortes e musculosas pernas, jaqueta escarlata de caimento perfeito com botões dourados e apliques pretos no punho e gola, camisa branca e colete marrom, arrematado por lenço branco no pescoço, cartola e luvas pretas. Uma visão tentadora, forçadamente admiti para mim mesma.

Assim que me avistou, Henry mudou a direção da montaria e veio ao meu encontro. Interpretei ser aquela atitude um bom sinal. Ao se aproximar com o garanhão castanho, captei seu penetrante olhar.

— Bom dia, lady Katherine! Pelo visto, o ar matinal tem o dom de intensificar a cor dos seus magníficos olhos.

— Bom dia! Obrigada pelas suas gentis palavras. Provavelmente, a minha fisionomia transparece o meu entusiasmo com o torneio.

— Alguma de suas irmãs se juntará à caçada? — questionou Henry, olhando para a porta principal da mansão, como se estivesse à espera de outras pessoas.

— Infelizmente, não — disse, polidamente. — Melissa não simpatiza com cavalos. Para ser precisa, ela tem verdadeiro pavor de subir em tão dóceis e meigas criaturas — narrei, acariciando afavelmente o pescoço de Raio Dourado. — Quanto a Meredith, embora aprecie cavalgar, prefere permanecer distante de caçadas por achá-las excessivamente arriscadas, escolhendo ficar em segurança com os demais convidados.

— Vejo que o espírito aventureiro de lorde Northwick ficou restrito a você!

— É o que tudo indica... É óbvio que mamãe não aceitou radiante a minha participação no evento. Queria que Smith me acompanhasse. Entretanto, como Susan também estará conosco, mamãe ficou numa situação complicada para me proibir ou impor a presença do chefe dos cavaleiros, principalmente diante do irrestrito apoio de papai ao meu desejo de integrar o grupo.

— Por falar em Susan, lá está ela! — informou Henry, acenando para que sua irmã pudesse nos identificar entre os demais competidores.

— Confesso que estava começando a ficar aflita com a demora dela.

O pátio da entrada estava repleto de cavaleiros. Os feixes de luz do alvorecer sobre a fachada neoclássica de pedra marfim de Greenfield House conferiam um efeito cintilante, semelhante ao verificado nas pérolas. Os cães já latiam por todos os lados. Havia pelo menos uns quarenta nos rodeando em sua cacofonia de sons e movimento, barulho atenuado pelo repousante murmurejar da fonte que representava de forma grandiosa as figuras mitológicas de Apolo e Dafne. Os lacaios, em seus uniformes engomados e impecáveis, zelavam pelo bem-estar dos cavaleiros, servindo vários tipos de bebidas e comidas, enquanto Dodgson acompanhava com atenção o desenrolar da cena. Com a mão pousada numa das quatro colunas do frontispício, Susan perscrutava com divertimento a animação dos participantes. Ao nos localizar, desceu as escadas, aproximando-se de nós.

— Bom dia, Susan! — falamos em uníssono.

— Bom dia! O torneio promete ser sensacional, não acham?! Vejam que sol lindo...

— Se demorasse mais, eu iria enviar uma mensagem aos seus aposentos para saber se tinha acontecido algo com você — externei, com preocupação.

— Não precisava tanto... Ainda faltam cinco minutos para o horário marcado e nem todos os inscritos devem estar por aqui. Pelo menos é o que deduzo destas montarias vazias espalhadas a nossa volta.

— A despeito disso, a caçada não tardará a começar.

Ao som do apito, saímos em desabalada carreira. Raio Dourado, fazendo jus ao seu nome, parecia levitar sobre os campos de Greenfield

Nas montanhas do Marrocos

House, mal tocando o solo entre suas leves passadas. Quando me dei conta, estávamos bem à frente, com mais cinco cavaleiros; os demais participantes vinham atrás. Prossegui no mesmo ritmo, absorvida pelo idílico momento. Por isso, não notei o quanto havíamos nos afastado do restante do grupo. Sem premeditar, vi que Henry e eu adentrávamos numa estreita estrada de terra batida. Cansados do esforço, diminuímos a passada, dando trégua para os animais. Minutos depois, avistamos o rio Nave com suas águas transparentes.

— Suponho que tenhamos nos perdido dos demais — constatei em voz alta. Em seguida, esquadrinhei os lados para me certificar de minhas palavras.

— Não há com o que se preocupar. Daqui a pouco localizaremos o grupo outra vez. Que tal aparmos para darmos algum descanso às montarias? — propôs Henry, com voz tranquilizadora.

— Talvez seja uma boa sugestão. Ainda teremos todo o caminho de volta pela frente.

Desci do cavalo, puxei Raio Dourado até a sombra refrescante da vegetação elevada e amarrei suas rédeas no tronco de uma árvore. Em seguida, fui até a margem para aplacar a minha sede. Sentei numa pedra e, com as mãos em concha, levei o líquido cristalino aos lábios. Ao levantar, observei que Henry estava próximo demais. Seu olhar penetrante me envolveu e suas mãos tocaram meu rosto carinhosamente. Fiquei paralisada. Lentamente seus lábios foram em busca dos meus, que não ofereceram nenhuma resistência. O contato foi gentil e suave. Pouco a pouco, senti uma pressão mais intensa sobre os lábios, forçando-me a entreabri-los. Sua língua invadiu minha boca, provando e provocando o seu sabor, diminuindo gradativamente a intensidade. Quando nos distanciamos ligeiramente, pude fitá-lo diretamente nos olhos. Surpreendi-me ao ver paixão e calor nos intensos olhos cinzentos de Henry.

— Foi inevitável, Katherine... Você está simplesmente irresistível, principalmente depois desta cavalgada desenfreada.

— Não é necessário se justificar, pois nada do que fiz foi forçado. Apenas estou um pouco confusa... Sugiro voltarmos o quanto antes ao torneio, senão despertaremos comentários indesejados sobre o nosso sumiço.

— Você tem toda a razão — concordou Henry de imediato.

Pegamos as rédeas dos animais e montamos novamente. Passados alguns minutos, vimos quatro integrantes da competição. Os meus pensamentos estavam em total desordem. O pior seria encarar Henry das próximas vezes que o encontrasse — conjecturei, constrangida. Afirmar que não gostei de ser beijada por um homem atraente como Henry seria uma deslavada mentira. Contudo, esperava sentir algo mais intenso e forte... capaz de fazer meu coração palpitar descoordenado. Quem sabe os beijos subsequentes trouxessem essa emoção.

Ainda cavalgamos por mais uma hora. Finalmente, reunimo-nos com os demais participantes. O vencedor foi Joseph Thompson. Sua atuação tinha sido dotada de grande habilidade ao encurralar a raposa nos arredores do lago Gretna, feito que lhe rendeu veementes elogios dos participantes do torneio. O clima de camaradagem era contagiante. Todos queriam narrar algum episódio singular da caçada. No regresso, embora não tivéssemos combinado, Henry e eu guardamos uma prudente distância um do outro. As lembranças do ocorrido às margens do rio Nave ainda eram demasiado vívidas. Um pouco de isolamento ajudaria a recolocar nossos sentimentos nos devidos lugares.



Risos e descontraídas conversas reverberavam através dos jardins de Greenfield House. Diversos toldos brancos, mesas e cadeiras foram armados no gramado, com a intenção de acomodar confortavelmente os convidados. Os lacaios não paravam de circular com travessas repletas de deliciosos canapés, e comidas variadas estavam dispostas sobre uma grande mesa na tenda principal. Vinhos e refrescos passavam em abundância nas bandejas de prata. Como pano de fundo, um conjunto musical dava um toque especial para o almoço daquela ensolarada tarde. Uma brisa refrescante amenizava a temperatura mais elevada do que a usual, deixando o ambiente agradável.

Vanessa Cavendish estava conversando com Samantha e Jennifer Thompson numa das tendas. Por isso, segui em outra direção, pois não tinha a menor disposição de suportar os comentários maldosos das irmãs Thompson.

Nas montanhas do Marrocos

Alguns passos adiante, Susan Sutherland parecia entretida num divertido debate com Melissa e Meredith. Aparentemente, todos os hóspedes foram enredados pela atmosfera festiva.

Andando aleatoriamente pela casa, acabei entrando na biblioteca. Não estava propensa a partilhar de toda aquela animação. Enquanto procurava nas estantes abarrotadas de livros um que pudesse prender a minha atenção, a porta foi aberta, dando passagem a ninguém menos que Henry Sutherland. Meu coração deu um salto ao escutar sua voz.

— Pelo que posso constatar, não estamos muito empolgados com o almoço no jardim... — observou, à medida que diminuía o espaço entre nós.

— É verdade. Tentei ficar por lá... Porém, senti não comungar de toda essa movimentação.

— Estive refletindo sobre os últimos acontecimentos desta manhã... — começou Henry, com voz tensa, encarando-me com sinceridade. — Talvez não tenha sido a conduta adequada para um cavalheiro, todavia, devo confessar que sempre tive uma atração por você.

— É tudo tão inesperado... Não sei o que pensar... Sempre o encarei como um amigo leal e sincero. Considero-o bonito, elegante e atraente. Ocorre que não acho acertado assumir um compromisso, porque você retornará a Cambridge e ficaremos meses ou até mesmo anos afastados um do outro.

— Efetivamente, a separação não seria nada fácil de ser contornada. Eu ainda terei um ano em Cambridge, fora os estágios nos hospitais de Londres — concordou Henry, com relutância. — Peça-lhe apenas, em nome desta amizade, para você não fechar o seu coração para a possibilidade de ficarmos juntos um dia...

— Você é uma pessoa especial para mim. Entretanto, não podemos antever o futuro, nem fazer promessas desse tipo. Você sabe disso! — respondi, com suavidade e firmeza.

— Às vezes eu me espanto com a forma extremamente lógica como expõe seus pontos de vista. Talvez esse seja um dos traços de personalidade que mais admiro em você. Detesto admitir, no entanto, sou compelido a reconhecer a verdade das suas palavras. Mesmo assim, não posso deixar de dizer que você é uma mulher inesquecível.

Neste instante, senti as mãos de Henry ao redor da minha cintura, pu-

xando-me ao encontro de seu corpo. Suas mãos subiram até meu pescoço e seu olhar foi direto para minha boca. Percebi que seria inevitavelmente beijada, e, tal qual a primeira vez, não esbocei resistência. Sua boca tomou a minha com desejo, fazendo-me abraçá-lo para poder me sustentar dignamente em pé, dado o turbilhão de sentimentos vivenciados. Esqueci por completo onde estávamos e o risco de sermos descobertos por qualquer pessoa que, inadvertidamente, entrasse na biblioteca. A única coisa que interessava era estar em seus braços fortes, perdida em emoções desconhecidas.

— É melhor pararmos, Katherine — verbalizou Henry, rouco, ainda me mantendo envolta em seus braços. — Quem sabe o destino não permitirá a nossos caminhos se reencontrarem...

— Tudo é possível... — respondi, enigmática, ao me desvencilhar de seus braços e caminhar para a porta da biblioteca.

Regressei para a festa depois de dar uma cuidadosa conferida na minha aparência no espelho do corredor. Não queria que ninguém suspeitasse do ocorrido na biblioteca. O almoço já tinha sido servido. Para minha felicidade, podia conversar com Vanessa Cavendish, agora sentada na mesa localizada no canto esquerdo do jardim. Aproximei-me e tomei assento numa cadeira ao seu lado.

— Olá! Felizmente você sobreviveu às Srtas. Thompson. Admiro a sua habilidade de enfrentá-las sem se alterar.

E prossegui, num gracejo desprezioso:

— Preciso tomar lições de convivência social com você, em vez de desperdiçar tardes inteiras com as lições da monótona Srta. Collins. Como pode testemunhar, as aulas não andam servindo para muita coisa!

— Elas não são do jeito que você as descreve... — tentou contemporalizar Vanessa.

Realmente... são bem mais perigosas! — ponderei com meus botões.

— Está vendo como tenho total razão?! Você é a pessoa ideal para eu me espelhar quando se trata de contornar situações sociais embaraçosas.

— Você por acaso viu Henry Sutherland após a caçada? Não o vi hoje.

— Não o encontrei depois disso — informei, evasiva.

— Tive a forte impressão de que ele está mais encantado por você do que das outras vezes.

Nas montanhas do Marrocos

— Não seja boba — falei, na tentativa de despistar Vanessa. — Henry Sutherland e eu somos apenas velhos amigos e não há nada de diferente nisso. As pessoas é que ficam inventando coisas onde não existem, para satisfazer a necessidade de novidades. Sempre seremos bons amigos!

— Você pode não ter percebido os olhares e modos cavalheirescos, mas a maioria dos convidados provavelmente notou... A propósito, soube que vocês se perderam do restante do grupo hoje pela manhã.

— E então... A sorte foi que não deu muito tempo e reencontramos os outros cavaleiros — fiz-me de desentendida.

Mudando propositalmente de assunto, indaguei, sorridente:

— Você irá a Londres nesta temporada de verão? Acabou de passar pela minha cabeça que não terei ninguém para me salvar, caso eu me meta em situações difíceis. E, dado o meu histórico, isso é o mais provável de acontecer!

— Independentemente disso, você se sairia muito bem sem mim — profetizou Vanessa, divertida, encorajando-me.

Sem querer polemizar, a conversa enveredou para outros temas, como os diversos passeios e excursões imperdíveis a serem feitos em Londres. Essa nova perspectiva da viagem me animou a reconsiderar a minha opinião original. Se eu iria de qualquer forma, aproveitaria para explorar a cidade nos mínimos detalhes.

SOBRE A AUTORA



Luisa Bérard nasceu em 1975 na cidade de Maceió e cresceu em um rico ambiente cultural, com formação sólida em literatura e artes adquirida em família. Leitora voraz, conhece a fundo o gênero literário que escolheu para conduzir sua vocação com segurança e plenitude, e desde cedo percebeu que gostava de construir personagens complexos e tramas marcantes. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Alagoas, a autora é advogada e reside em Recife.

Nas montanhas do Marrocos é o livro de estreia de Luisa Bérard, um talento da literatura nacional que veio para ficar.